

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

"Guerrilha operária derrota o arrocho": a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a resistência operária guerrilheira.

Edileuza Pimenta de Lima¹

Resumo: As relações entre luta armada e movimento operário no Brasil são estudadas neste trabalho a partir dos guerrilheiros operários da Ação Libertadora Nacional (ALN), organização de luta armada contra a ditadura cuja existência é situada entre 1968 e 1974. A historiografia destaca quase que unicamente a participação dos estudantes nos movimentos guerrilheiros, e é contra essa tendência que é configurado nosso estudo, que mostra que a presença dos operários na ALN é bastante considerável.

Palavras-chave: Ação Libertadora Nacional, Guerrilha, Movimento Operário.

Abstract: The relationships between the armed groups and workers' movement in Brazil are analyzed in this research by the guerrillas workers of Action for National Liberation (ALN), an armed group organization against the dictatorship in the period between 1968 and 1974. The historiography's studies remarks almost exclusively the students' involvement in the guerrilla movements, and is against this tendency that is directed our study, which shows that presence of the workers in the ALN is very considerable.

Keywords: Action for National Liberation, Guerrilla Warfare, Workers' Movement.

Este trabalho é um dos desdobramentos da minha monografia que foi defendida em fevereiro de 2007. Intitulada "**Trabalhador: arme-se e liberte-se**": a Ação Libertadora Nacional (ALN) e a resistência operária pela luta guerrilheira, pode ser vista como uma contribuição aos estudos sobre os mundos do trabalho a partir do momento em que lança luzes sobre a participação operária na luta armada contra a ditadura militar inaugurada com o golpe de 1964. Aqui apresentamos um resumo dessa pesquisa já concluída, com a disposição de compartilhar nossos resultados com a comunidade acadêmica, contando desde já com suas críticas e sugestões, dado que no mestrado objetivamos um aprofundamento do tema.

Estudamos as relações entre luta armada e movimento operário a partir da Ação Libertadora Nacional (ALN), organização guerrilheira cujo período de existência é situado entre 1968 e 1974. A ALN foi um dos rachas do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundada quando um grupo de militantes, liderados pelo comunista histórico Carlos Marighella, se decide pelo enfrentamento armado contra a ditadura, contrariando a estratégia de não-resistência do Partido.

A ALN propunha a guerrilha rural como fim a ser alcançado (tarefa estratégica),

¹ Mestranda em História Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

embora a maior parte de suas ações em toda a sua trajetória tenha ocorrido nas cidades (as ações urbanas eram tarefa tática), consideradas como meios de apoio para fins de propaganda política, para ações de obtenção de fundos (expropriações, como assaltos a bancos), recrutamento de quadros para a guerrilha e ataques estratégicos ao inimigo. Era uma organização em que se permitiam pequenos grupos com total independência tática desde que estivessem subordinados à sua estratégia geral; sua estrutura pode ser entendida como horizontal, sem hierarquias, diferente de um sistema partidário.

Segundo Marcelo Ridenti, os historiadores, ao estudarem este período, "precisam estar conscientes de que o realce analítico de alguns aspectos, em detrimento de outros, pode levar a interpretações equivocadas da realidade histórica como um todo" (RIDENTI, 2004: 64). Foi exatamente o que aconteceu com o papel dos estudantes na historiografia: sua presença nas organizações armadas passou a ser estudada de forma quase que exclusiva.

Não ignorando a esquerda armada ser composta predominantemente de camadas médias intelectualizadas (leia-se estudantes), escolhemos os operários como objeto de estudo, optando por um "realce analítico" distinto do que é tão comumente utilizado, trazendo ao proscênio os trabalhadores. A existência de poucos registros acerca das relações entre Luta Armada e Movimento Operário constitui a justificativa deste trabalho. Nosso ponto de partida deve-se ao grande número de referências aos trabalhadores nos documentos da Ação Libertadora Nacional, o que foi aprofundado com a realização de entrevistas a ex-militantes. Concluímos que estes trabalhadores existiram e, surpreendentemente, em grande número na guerrilha.

Esta pesquisa possui como metodologia a análise de fontes orais e escritas. Entre as fontes escritas predominam documentos da Ação Libertadora Nacional, como jornais, textos teóricos redigidos por seus membros e comunicados internos; destaque-se que a maioria dos documentos são de autoria expressa do fundador e líder Marighella e encontram-se em arquivos policiais, particulares e de serviços de informação, também podendo ser consultados em bibliotecas e arquivos públicos. O trabalho com as fontes orais utiliza-se da prática da História Oral, metodologia que consiste em lidar com informações obtidas através de entrevistas que se concentram em histórias de vida, consideradas de grande importância porque permitem ao pesquisador o acesso a informações muito específicas e até mesmo singulares; a execução da entrevista é acompanhada da elaboração prévia de roteiros, da transcrição das fitas obtidas e posterior análise dos dados.

Dado que as organizações de luta armada que predominaram no período pós-64

em sua maioria queriam derrubar a ditadura com o exclusivo poder das armas e não se referiam às velhas formas de luta desenvolvidas pelos trabalhadores (isto é, eram estritamente militaristas), a ALN não deixa de ser vítima dessa acusação, que inclusive é comentada por Carlos Marighella no documento **O Papel da Ação Revolucionária na Organização**, de maio de 1969. Segundo ele, diziam "que não tínhamos nenhum trabalho de massa, subestimávamos tal atividade, e estávamos, por isso, isolados do povo" (MARIGHELLA, 1969).

Dentro desta preocupação de se manter próxima às massas, há um cuidado especial da Ação Libertadora Nacional com o papel dos operários, fato que pode ser verificado no texto **As perspectivas da Revolução Brasileira**, de setembro de 1969: "Os operários por sua vez, quando intensificarem as greves com ocupações de fábricas e seqüestros e patrões e gerentes, serão outra grande fonte de recrutamento para os grupos revolucionários armados". (MARIGHELLA, 1969).

Antes, no documento de fundação da ALN, o **Pronunciamento do Agrupamento Comunista de São Paulo**, alguns métodos de ação são definidos, e é interessante notar referência à organização sindical.

A agitação política das massas deve ser posta em prática, com a distribuição de volantes nas portas de fábricas e no seu interior, e com pinturas murais, defendidas por grupos armados. (...) O movimento de massas sindical deve fazer-se de baixo para cima, abolindo o sistema de trabalho pela cúpula, e visando à radicalização, para desmascarar o governo e despertar o espírito de luta revolucionário dos operários (MARIGHELLA, 1979: 136).

Embora defenda a aliança operário-camponesa para a guerrilha e não obstante o destaque aos camponeses quando se objetiva a guerrilha rural, a preocupação com o operariado é evidente, principalmente se lembrarmos que entre os fundadores da ALN estavam sindicalistas históricos como Raphael Martinelli e Oswaldo Lourenço. As lutas de Marighella e Joaquim Câmara Ferreira no seio da classe trabalhadora também são de longa data.

A partir do golpe, quando começaram a se intensificar as divergências de Marighella com o PCB, o líder comunista, em seus escritos, começou a pregar um projeto próprio de revolução e a estabelecer que papel seria reservado aos trabalhadores. Para ele, a revolução brasileira seria uma "revolução cuja liderança incontestável, no terreno prático e ideológico, pertence de direito e historicamente à classe operária" (MARIGHELLA, 1995: 102). Sempre atento às demandas dos líderes da revolução, percebia que a conjuntura pós-

golpe não lhes era favorável e não haveria outra saída senão a luta revolucionária e radical, pois o caminho pacífico teria o efeito de alimentar ilusões no povo e contribuir para institucionalizar a ditadura:

Os fatos indicam que o proletariado em face do tremendo impacto da abrilada não tem outro recurso senão adotar uma estratégia revolucionária, que leve à derrubada da ditadura. Trata-se da revolução, da preparação da insurreição armada popular. Trata-se do caminho não pacífico, violento até mesmo da guerra civil. Sem o recurso à violência por parte das massas, a ditadura será institucionalizada por um período de maior ou menor duração (MARIGHELLA, 1966: 19-20).

Consolidando suas reflexões, que passaram a ser voltadas para um projeto de guerrilha, no **Mini-manual do Guerrilheiro Urbano** Marighella sugere funções para os guerrilheiros operários:

Os trabalhadores têm conhecimento infinito da esfera industrial e são os melhores nos trabalhos revolucionários urbanos. O trabalhador guerrilheiro urbano participa na luta mediante a construção de armas, sabotando e preparando sabotadores e dinamiteiros, e pessoalmente participando em ações envolvendo armas de mão, ou organizando greves e paradas parciais com a violência em massa característica em fábricas, centros de trabalho e outros lugares de trabalho (MARIGHELLA, 1969).

Percebemos que grande parte dos quadros operários da ALN se concentrava em São Paulo, pois são provenientes do Partido Comunista Brasileiro; o Comitê Estadual de São Paulo quase todo acompanhou Marighella quando ele rachou e formou o Agrupamento Comunista de São Paulo. Obviamente existiram operários de outras origens, recrutados para a Organização, mas seu número é bem menor: basta perceber o perfil dos militantes de outros estados: a ALN no Rio de Janeiro, por exemplo, era praticamente toda composta por estudantes. Sob esse aspecto, portanto, a ALN foi mais ativa em São Paulo, não podemos descartar esta relação: "Quem pensa em fazer a revolução tem que se apoiar nas empresas e na classe operária. No Brasil, tem que se apoiar em São Paulo, a concentração operária e decisiva no país" (MARIGHELLA, 1999: 549).

Os documentos da Ação Libertadora Nacional são ricos em exemplos que destacam o papel do proletariado na guerrilha. A ALN possuiu um projeto de guerrilha operária e buscou consolidá-lo tendo como um de seus instrumentos o jornal **Guerrilha Operária** (fonte inédita que analisamos na monografia), e buscava atingir os trabalhadores com ações como propaganda armada e expropriações em fábrica. Tinha entre seus símbolos um com o "slogan" **Trabalhador: Arme-se e Liberte-se**, e foi representada em greves como as de Contagem e Osasco.

A ALN buscava atingir a classe operária por formas específicas, tais quais ocupações de fábricas, expropriação de patrões e propaganda armada. Essas ações objetivavam denunciar a política de exploração dos trabalhadores empreendida pela ditadura, promover uma aproximação dos guerrilheiros com o povo, apresentando a Organização como vanguarda de uma guerra revolucionária entre exploradores e explorados, patrões e empregados, e adquirir adeptos para a guerrilha.

Em uma ação de expropriação em uma metalúrgica, por exemplo, percebe-se a preocupação em conscientizar os operários, através de uma "preleção sobre a guerra do povo contra os exploradores":

Mangels: Às 13 horas do dia 10/2 passado, um comando revolucionário expropriou duas carabinas CBC Calibre 22, um revólver calibre 38, e Cr\$ 270.000,00, da metalúrgica norte-americana Mangels Industrial S/A, localizada a 500 metros do parque motomecanizado da 2ª região militar, localizada no Ipiranga. Durante a ação de expropriação, revolucionários componentes do comando fizeram uma preleção aos operários sobre a guerra do povo contra os exploradores (Jornal Venceremos nº 1. Abril de 71, p. 5).

As greves, mesmo as que não tinham participação direta dos militantes revolucionários, também eram descritas nos jornais da ALN, seguindo-se o entendimento de que "greve também é guerrilha operária". Marighella teorizou sobre essa forma de luta e sua concepção ficou famosa entre seus liderados: "Os operários por sua vez, quando intensificarem as greves com ocupações de fábricas e seqüestros e patrões e gerentes, serão outra grande fonte de recrutamento para os grupos revolucionários armados" (MARIGHELLA, 1966).

Nesse sentido, eram comuns outras tentativas de popularização junto ao operariado: expropriar fábrica em dia de pagamento e levar os "vales"; assim, os patrões não poderiam controlar quanto cada empregado estava devendo e teriam que pagar integralmente o salário. Também ficaram famosos levantamentos em que se descobriam encarregados opressores e "dedos-duros"; estes levavam uma surra dos guerrilheiros, que adquiriam, assim, a simpatia de toda a fábrica.

Observe-se que "Guerrilha Operária" não foi apenas o nome do jornal que a ALN possuía, mas uma forma de luta. Fala-se em "comprar armas para a GUERRILHA OPERÁRIA", isto é, para a luta armada de resistência à ditadura e contra os patrões desempenhada pelos guerrilheiros operários. Assim se define a guerrilha operária:

Nós chamamos este jornal de GUERRILHA OPERÁRIA porque esta é a forma de

luta que os operários do mundo inteiro usam na sua luta contra a ditadura dos patrões e dos militares fascistas. Esta é a forma de luta que devemos empregar para derrotar o assôcho [sic] salarial, para termos melhores condições de trabalho e menos acidentes nas fábricas. Esta é a forma de luta para derrotar os pelegos nos sindicatos, para não sermos humilhados como na última campanha salarial em que tivemos um aumento de 20%, que não cobre nem o custo de vida.

Quando os operários de uma fábrica fazem uma greve e tomam a sua fábrica na luta pelos seus direitos eles fazem GUERRILHA OPERÁRIA; quando um operário se organiza dentro de uma fábrica com os seus colegas para discutir este jornal ou as condições da fábrica, ou quando ele coloca num muro, com um pedaço de giz ou carvão, uma palavra de ordem (que pode ser por exemplo GUERRILHA OPERÁRIA DERROTA O ARRÔCHO), ele está fazendo a GUERRILHA OPERÁRIA tanto quanto um grupo de patriotas que toma de assalto um quartel para tirar armas (Jornal Guerrilha Operária nº1. Maio de 71, p. 3).

O movimento operário sofreu duros golpes desde os primeiros momentos da ditadura, com intervenção em sindicatos, repressões a greves, perseguições a líderes dos trabalhadores e não conseguiu mais se organizar de forma significativa até o momento em que se começou a ensaiar a abertura política. O movimento estudantil, ao contrário, se encontrou no auge de sua articulação política em 1968, fornecendo as bases para a luta no momento em que quase todos os grupos políticos se imergiam na luta armada. Na ALN não foi diferente: os operários que estavam em suas fileiras eram oriundos, em sua maioria, do racha do PCB em São Paulo, embora outros tenham sido recrutados após esse momento para a execução de tarefas específicas porque a ALN tinha, como vimos, uma prática voltada para o operariado.

Em entrevista ao semanário francês *Front*, às vésperas de sua morte, Marighella reconhece a limitação da participação operária em detrimento da participação dos estudantes. Uma das principais questões que se levantava é que, se um operário fosse preso, sua família ficaria desamparada, enquanto intelectuais e estudantes teriam maior suporte. Porém, Marighella sugere formas de luta como sabotar máquinas, fabricar armas em segredo e destruir material para aqueles que não podiam assumir um enfrentamento mais direto contra a ditadura:

(...) se os operários ocuparem as fábricas, estarão armados de antemão. Aliás, é assim que vejo a conjunção da guerrilha urbana e do movimento de massa. Aliás, os operários podem muito bem sabotar as máquinas, fabricar armas em segredo, destruir material. Para homens casados, pais de família, é a única forma de guerrilha atualmente possível¹.

As lutas meramente economicistas e a atuação no chão da fábrica deixaram de

¹ "O Brasil será um novo Vietnã". In: CARONE, Edgard. **Movimento Operário no Brasil (1964-1984)**. São Paulo: Difel, 1984, p. 66. Neste livro, o autor dedica uma parte à ALN, com transcrição de alguns documentos seus e de Marighella. Observe-se que o fato desta organização estar inserida num livro com este título é significativo, mostra que as relações entre luta armada e movimento operário através da Ação Libertadora Nacional são reconhecidas.

representar alternativas para o guerrilheiro operário, pois, como escrevera o ex-militante Ottoni Fernandes Júnior, "quando optamos pelo caminho da luta armada, fomos para o subterrâneo da política. Abandonamos as formas legais de luta e nos colocamos à margem da lei" (FERNANDES JÚNIOR, 2004: 86).

Concluimos que a preocupação com o operariado na ALN era uma herança ligada ao Partido Comunista Brasileiro, no qual ela teve origem. Porém, adotou forma própria de lidar com essa questão, inserindo os trabalhadores num projeto de guerrilha operária. Marighella, por sua própria tradição militante junto à classe trabalhadora, também imprimiu caráter próprio à Organização, que a diferenciou dos outros rachas do PCB.

O afastamento das massas, vivenciado pela ALN em conjunto com todas as organizações guerrilheiras que atuavam no mesmo período, trouxe à tona críticas quanto a atuação dos estudantes, que foram esmagadora maioria entre os integrantes da luta armada. À sua "pressa pequeno-burguesa" foi atribuída a situação de impasse que os guerrilheiros passaram a vivenciar com a intensificação da repressão, e isso pode ser constatado nas entrevistas que realizamos. Entretanto, a existência de ações de propaganda armada em fábricas ou em bairros operários até o fim da ALN confirma que o isolamento dos militantes em relação ao povo não foi completo.

Referências bibliográficas:

- CARONE, Edgard. **Movimento Operário no Brasil (1964-1984)**. São Paulo: Difel, 1984.
- MARIGHELLA, Carlos. **A Crise Brasileira (Ensaio Político)**. Mimeo.1966.
- MARIGHELLA, Carlos. **As perspectivas da revolução brasileira**. Mimeo.1969.
- MARIGHELLA, Carlos. **Escritos de Carlos Marighella**. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.
- MARIGHELLA, Carlos. **O papel da ação revolucionária na organização**. Mimeo.1969.
- MARIGHELLA, Carlos. **Por que resisti à prisão**. 3ed. São Paulo: Brasiliense; Salvador: EDUFBA: OLODUM, 1995.
- MARIGHELLA, Carlos. *Quem samba fica, quem não samba vai embora*. In: NOVA, Cristiane, NÓVOA, Jorge (Orgs.). **Marighella: O homem por trás do mito**. São Paulo: Unesp, 1999.
- FERNANDES JÚNIOR, Ottoni. **O Baú do Guerrilheiro - Memórias da luta armada urbana no Brasil**. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2004.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas: das ilusões perdidas à luta armada**. 6 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2003.

EMILIANO JOSÉ. **Carlos Marighella. O inimigo número um da ditadura militar**. São Paulo: Sol e Chuva, 1997.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução Faltou ao Encontro – Os comunistas no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

RIDENTI, Marcelo. *Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilha para os pesquisadores*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, RIDENTI, Marcelo, MOTA, Rodrigo Pato Sá (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-1984)**. São Paulo: Edusc, 2004.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens Partidos – Comunistas e sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro: UNIRIO e Boitempo Editorial, 2001.

Jornais:

Guerrilha Operária. nº 1. Maio de 1971

O Guerrilheiro. nº 1. Abril de 1968

O Guerrilheiro. nº 2. Novembro de 1970

O Guerrilheiro. nº 3. Setembro de 1971

O Guerrilheiro. nº 5. Maio de 1972

O Guerrilheiro. nº 6. Agosto de 1972

O Guerrilheiro. nº 8. Outubro de 1972

Venceremos. nº 1. Abril de 1971

Venceremos. nº 2. Maio de 1971

Venceremos. nº 3. Junho de 1971

Venceremos. nº 4. Agosto de 1971

Venceremos. nº 6. Fevereiro de 1972